

20. Fui o primeiro indígena do Amapá a ser contaminado

Odair Jeanjacque

Me chamo Odair Jeanjacque, indígena da etnia Galibi Kalin'á e Karipuna, enfermeiro da saúde indígena do DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena) Amapá e Norte do Pará. Moro na zona urbana de Oiapoque. No início do isolamento social segui todas as recomendações da OMS (Organização Mundial de Saúde), porém, no final de março, tive que me deslocar para a capital do Estado e, no retorno para Oiapoque, eu e minha namorada acabamos nos contaminando com a COVID-19. Fui o primeiro indígena do Estado do Amapá a ser contaminado com o vírus. Desde os primeiros sintomas já sabíamos do que se tratava. Mas só tive a confirmação após 12 dias, através do teste rápido.

Foram dias difíceis, passamos 21 dias em quarentena. Não precisamos ser hospitalizados, mas fizemos todo o acompanhamento necessário. Após reavaliação médica, dia 02/05, fui liberado para retornar ao trabalho. Lotado na CASAI (Casa de Saúde Indígena) de Oiapoque, voltei gradativamente, pois as sequelas do vírus ficaram: cansaço, dispneia... Mesmo assim o trabalho não pode parar!

Sempre preocupado com a entrada do vírus na área indígena, me mantinha atento a qualquer informação vinda de lá. Assim que houve o primeiro indício de caso suspeito na área indígena fui convocado pelo DSEI para fazer parte da Equipe de Intervenção à COVID-19. O primeiro relato foi de uma gripe forte na Aldeia Lençol. Fomos lá e coletamos material biológico para a realização do teste rápido. E o que mais tínhamos aconteceu: o vírus chegou nas aldeias! Logo aconteceu reação em cadeia, constatei que já haviam casos nas aldeias Kumarumã e Manga, depois Kumenê, Santa Izabel, Espírito Santo e, logo depois, nas aldeias da BR-156. Na primeira ação, que foi realizada na Aldeia Kumarumã, detectamos que não se tratava de um caso isolado, mas sim de transmissão comunitária, que já haviam inúmeros casos em todas as aldeias.

Ao retornar, através da Portaria DSEI/AMP Nº11 de 03 de junho de 2020, fui nomeado Responsável Técnico do Distrito Sanitário Especial Indígena - Amapá e Norte do Pará, no município de Oiapoque. A responsabilidade aumentou, mas minha dedicação e o

amor pelo que faço continuam os mesmos. Continuei fazendo a busca ativa dos casos de COVID-19 nas áreas indígenas da região do rio Oiapoque e, mais uma vez, encontrei o cenário de transmissão comunitária, inclusive na minha Aldeia Galiby. Então veio a confirmação dos primeiros casos nas aldeias do Parque do Tumucumaque e, por fazer parte da Equipe de Intervenção, hoje estou aqui, na Aldeia Missão Nova, onde vivem os parentes da etnia Tiriyo. O cenário é bem parecido com o das outras aldeias, transmissão comunitária.

Estou há mais de um mês que não sei o que é dormir tranquilo. Dormindo tarde e acordando às 5 horas da manhã para dar continuidade à missão. Subindo e descendo rios e cachoeiras para chegar aos destinos. A missão é desgastante e cansativa, mas saber que estou ajudando os meus parentes é gratificante. Sou índio, sou enfermeiro e estou na linha de frente na luta contra a COVID-19.

Aldeia Missão Nova, Parque do Tumucumaque, Amazônia, Brasil

10 de junho de 2020